

BALANÇO

2016

dos jornalistas mortos
no mundo

**REPORTERES
SEM FRONTEIRAS**
PELA LIBERDADE DA INFORMAÇÃO



BALANÇO DOS JORNALISTAS MORTOS NO MUNDO

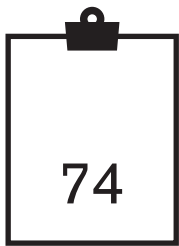
Balanço de 1 de janeiro a 10 de dezembro de 2016

ÍNDICE

Apresentação	p. 3
—	—
Observação metodológica	p. 4
—	—
Jornalistas assassinados	p. 5
—	—
Mulheres jornalistas assassinadas	p. 7
—	—
Os países mais mortíferos	p. 8
—	—
Proteger melhor os jornalistas	p. 10

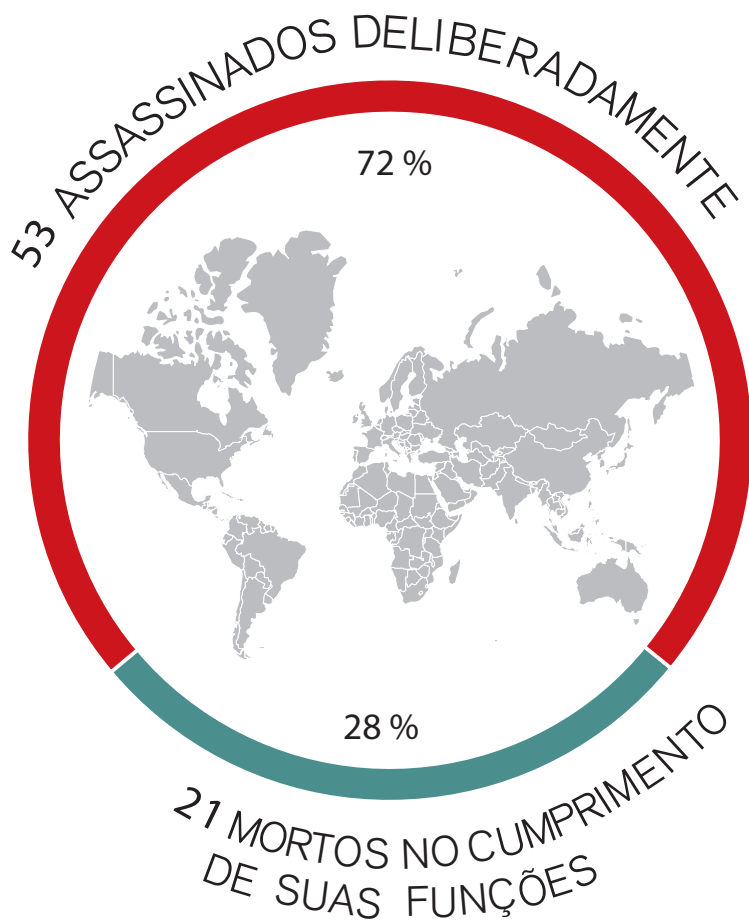
Sobre a RSF

A Repórteres sem Fronteiras promove e defende a liberdade de informar em todos os cantos do mundo. Com sede em Paris, a organização conta com escritórios internacionais (Berlim, Bruxelas, Genebra, Helsínki, Madrid, Rio de Janeiro, Stockholm, Tunis, Viena e Washington...) e com correspondentes em 130 países. Ela tem um status consultivo junto à Organização das Nações Unidas, à Unesco, ao Conselho Europeu e à Organização Internacional da Francofonia (OIF).



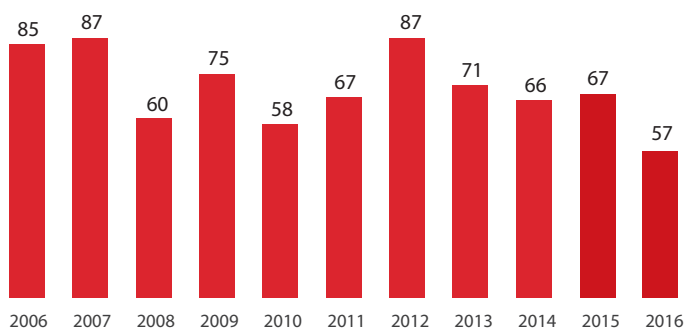
74 JORNALISTAS MORTOS POR TEREM CUMPRIDO SUA MISSÃO DE INFORMAR

-27 % ↘

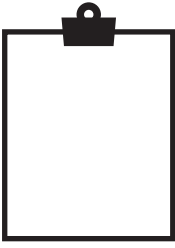


ASSASSINADOS OU DELIBERADAMENTE ATACADOS:
jornalistas mortos propositadamente devido à sua profissão.

MORTOS NO EXERCÍCIO DE SUAS FUNÇÕES:
jornalistas mortos durante reportagem em campo sem que tenham sido especialmente atacados por serem jornalistas



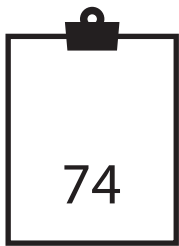
Ao menos 780 jornalistas profissionais foram mortos desde 2006 devido à profissão.



OBSERVAÇÃO METODOLÓGICA

Pela primeira vez, o resultado final do balanço de 2016 estabelecido pela Repórteres sem Fronteiras inclui tanto jornalistas profissionais, quanto jornalistas-cidadãos e colaboradores da mídia, até então contabilizados em três categorias distintas. Estes últimos desempenham um papel cada vez maior na produção de informação, especialmente em regimes repressivos ou países em guerra, onde é mais difícil para jornalistas profissionais exercerem sua profissão. No detalhamento, contudo, o balanço continua a distinguir, sempre que possível, esses agentes da informação dos jornalistas profissionais, para que se possa estabelecer comparações de um ano a outro.

Para incluí-los em seu balanço, a RSF realiza uma coleta minuciosa de informações que permitem afirmar com certeza, ou ao menos com uma convicção muito forte, que perderam a vida ou por terem sido atacados deliberadamente por serem jornalistas, ou porque morreram durante uma reportagem.



JORNALISTAS MORTOS DELIBERADAMENTE OU NO EXERCÍCIO DE SUAS FUNÇÕES

dos quais

57 jornalistas profissionais

(comparado a 67 no ano passado, ou seja, uma queda de 15%)

9 jornalistas-cidadãos

8 colaboradores de mídia



Setenta e quatro jornalistas foram assassinados deliberadamente ou mortos no exercício de suas funções em 2016, comparado a 101 no ano passado. Essa redução significativa se explica pelo fato de que cada vez mais jornalistas deixam os países que se tornam perigosos demais: Síria, Iraque, Líbia, assim como Iêmen, Afeganistão, Bangladesh, ou Burundi tornaram-se, em parte, buracos negros da informação, onde impera a impunidade. Outra razão para essa tendência em baixa: o terror exercido pelos predadores da liberdade de imprensa, que fecham de maneira arbitrária veículos da mídia e impõem a censura entre os jornalistas. Apesar de sua coragem, estes últimos, por medo de serem assassinados, não têm outra opção a não ser se autocensurar, como acontece no México ou no Sudão do Sul.

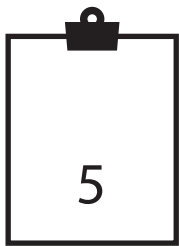
Cerca de três quartos dos que foram mortos este ano foram propositadamente atacados por serem jornalistas. É o caso, especialmente, do Afeganistão, com 10 jornalistas assassinados (veja quadro) e do México (nove mortos). Esses números alarmantes expressam uma violência cada vez mais deliberada, assim como o fracasso das iniciativas internacionais a favor da proteção dos jornalistas.

Ao menos 780 jornalistas profissionais foram mortos por causa de sua profissão desde 2006.

Dois terços dos jornalistas mortos este ano encontravam-se em zonas de conflito, dinâmica inversa à de 2015, quando numerosos jornalistas foram mortos em tempos de paz, como no caso do ataque contra o Charlie Hebdo em Paris. Mas os países em situação de paz podem ainda assim ser verdadeiros infernos para os jornalistas, como é o caso no México. Este ano, o México foi o país mais mortífero para os jornalistas profissionais, vítimas dos cartéis criminosos, da polícia e de autoridades extremamente corruptas.

Quatro jornalistas perderam a vida fora de seus países

Em 2016, quase todos os jornalistas foram mortos em seus próprios países. Quatro jornalistas perderam a vida quando estavam em um país estrangeiro. Em abril, **o sírio Mohammed Zaher al-Shurqat**, forte oponente da organização Estado Islâmico e apresentador de um programa religioso no canal Aleppo Today, foi atingido por um tiro na cabeça no meio da rua, em Gaziantep, na Turquia, próximo à fronteira com a Síria. O grupo Estado Islâmico reivindicou seu assassinato algumas horas depois, antes mesmo que ele sucumbisse aos ferimentos. Em junho, **o fotojornalista americano David Gilkey**, que trabalhava para a rádio estatal americana NPR, perdeu a vida no sul do Afeganistão, numa emboscada dos Talibãs contra o comboio do exército no qual havia embarcado. No início de outubro, **o fotojornalista holandês Jeroen Oerlemans**, que trabalhava principalmente para o semanário belga Knack, foi abatido por um franco atirador do grupo Estado Islâmico em Syrta, na Líbia, quando cobria os combates entre jihadistas e forças do governo de união nacional. Em novembro, **o iraniano Mohsen Khazai, jornalista da rádio e televisão estatal**, foi morto por um tiro de morteiro em Alepo, sendo que estava “embarcado” ao lado dos combatentes iranianos pró-regime. Mohsen tinha 44 anos.



AS JORNALISTAS MORTAS EM 2016

Mariam Ebrahimi, Mehri Azizi e Zainab Mirzaee (Afeganistão)

Essas três mulheres, todas colaboradoras da rede de televisão privada Tolo, morreram em 20 de janeiro, quando sua van foi atacada por um carro-bomba no centro de Cabul. Quatro outras colaboradoras da rede morreram no atentado. Alguns meses antes, os talibãs haviam classificado como “alvos militares” as duas maiores redes de TV privadas do Afeganistão, Tolo TV e 1 TV.



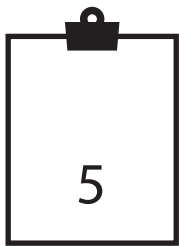
Anabel Flores Salazar (México)

Repórter do jornal El Sol de Orizaba, essa jovem de 32 anos, que escrevia sobre o crime organizado, foi sequestrada no dia 8 de fevereiro. Foi encontrada morta no dia seguinte, numa estrada de Puebla, estado vizinho de Veracruz, onde trabalhava. Seu corpo foi encontrado semidespido, pés e mãos amarrados e um saco plástico na cabeça

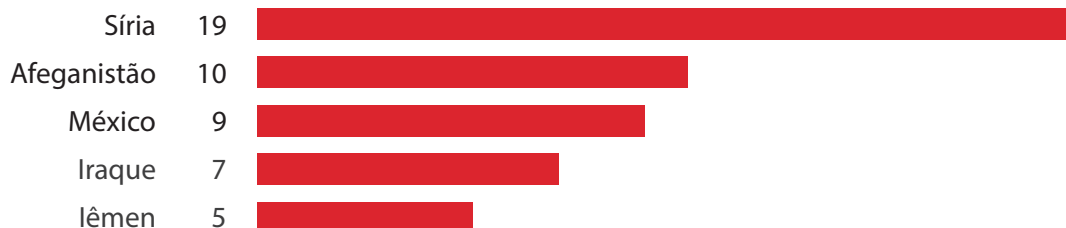


Salad Osman Sagal (Somália)

Produtora e apresentadora na rádio estatal de Mogadíscio, essa jornalista somaliana de 24 anos foi abatida em 5 de junho na capital. A jovem era também estudante universitária. Foi na universidade que foi morta por homens armados, que fugiram depois de abrir fogo. O assassinato não foi reivindicado, mas as suspeitas recaem sobre a milícia islâmica Al-Shebab, que semeia o terror entre os jornalistas da região.



OS PAÍSES MAIS MORTÍFEROS



JORNALISTAS MORTOS DELIBERADAMENTE
OU NO CUMPRIMENTO DE SUAS FUNÇÕES



Síria, o inferno dos jornalistas

A guerra, que parece não ter fim, torna a Síria o país mais mortífero do mundo para os jornalistas, com 19 vítimas em 2016. Entre elas, **Osama Jumaa**, repórter fotográfico de 19 anos a serviço da agência britânica Images Live. Ele foi morto em 5 de junho, quando cobria uma operação de resgate após bombardeios em um bairro residencial de Aleppo. Infelizmente, um crime de guerra banal em um país destruído, onde a liberdade de informar é atacada por todos os lados e onde os jornalistas podem, a qualquer minuto, ser vítimas de bombas ou tiros, ser presos pelos serviços do regime, ou feitos reféns por grupos rebeldes jihadistas.



Em Mossul (Iraque), tomado como alvo pelo Estado Islâmico

No norte do Iraque, os jornalistas arriscam novamente suas vidas seguindo de perto a ofensiva militar lançada em meados de outubro para reconquistar a cidade de Mossul, capturada pelo grupo Estado Islâmico desde junho de 2014. Embarcados com as forças federais iraquianas e curdas, os jornalistas, câmeras, fotógrafos e colaboradores da mídia acabam sendo tomados como alvo por franco-atiradores e kamikazes do EI. Em outubro, **Ali Raysan**, 33 anos, câmera para a rede iraquiana generalista Al-Sumaria TV, foi morto por um tiro de um franco-atirador membro do grupo jihadista quando filmava confrontos próximo à cidade de Al-Choura, ao sul de Mossul. Na véspera, Ahmed Hajer Oglu, 30 anos, jornalista iraquiano a serviço da rede Turkmeneli TV, foi mortalmente ferido pelo EI quando cobria os combates entre os peshmerga e o EI na cidade de Kirkuk, 170 quilômetros ao sudeste de Mossul. Mais de 14 jornalistas foram também feridos na primeira semana após o início da ofensiva.



No México, o terror e a impunidade dos cartéis

Com nove jornalistas assassinados em 2016, todos profissionais, o México permanece sendo o país mais mortífero da América Latina para a profissão. É também, de longe, o país em situação de paz mais mortífero para jornalistas. Os cartéis criminosos, estando Los Zeta no topo da lista, fazem com que reine o terror nos estados da região nordeste e do Golfo do México para dissuadir quem quer que tente se informar sobre suas atividades, multiplicando sequestros e atos de barbárie. Tomam como alvos jornalistas, enquanto autoridades policiais e judiciais, profundamente corruptas, fazem vista grossa. Esses mesmos funcionários da polícia são, por sinal, os principais agressores de jornalistas no México. Triste exemplo dessa impunidade, o jornalista **Pedro Tamayo Rosas**, 43 anos, foi morto em sua casa, diante de sua mulher e de dois filhos, em 20 de julho, em Veracruz. Ele havia sido colocado sob a proteção do estado, pois já era alvo de ameaças de morte. Trabalhava para os diários *Al Calor Político* e *Piñero de la Cuenca*. Segundo sua família, seus dois assassinos fugiram tranquilamente enquanto a polícia, que estava a uma dezena de metros da cena do crime, nada fez para prendê-los.



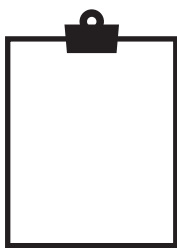
No Iêmen, entre as milícias houthis e os bombardeios da coalizão árabe

Os rebeldes houthis tomaram o controle da capital iemenita Sanaa em setembro de 2014, após um avanço relâmpago em direção ao sul do país. A milícia xiita se apossou então das redes de televisão, prendendo inúmeros jornalistas. Os houthis não toleram críticas de jornalistas. Seu líder, Abdul-Malik Al-Houthi, chegou ao ponto de declarar guerra aberta contra eles, que considera mais perigosos do que os combatentes aliados à coalizão árabe, liderada pela Arábia Saudita no conflito que os opõem. Em 2016, cinco jornalistas e colaboradores da mídia foram mortos no Iêmen, quer como vítimas das milícias xiitas ou dos bombardeios da coalizão árabe. É o caso de **Almigdad Mojalli**, jornalista independente iemenita, morto no dia 17 de janeiro por um ataque aéreo da coalizão árabe em Jaref, região controlada pelos houthis. Atingido por fragmentos de míssil, sucumbiu a seus ferimentos antes mesmo de chegar ao hospital. Ele colaborava, principalmente, com veículos de mídia estrangeiros como a *Voice of America*, o diário britânico *The Telegraph*, ou ainda a agência IRIN. Almigdad tinha 34 anos.



No Afeganistão, a ameaça talibã

A guerra imposta pelos talibãs é a principal fonte de insegurança no país, mas não se pode excluir a responsabilidade das autoridades locais, das forças militares e da polícia no clima de medo que pesa sobre a mídia. Numerosos governantes ou responsáveis locais não aceitam a independência dos jornalistas e as forças da lei e os militares estão envolvidos em diversos casos de violência contra eles. A *Repórteres sem Fronteiras* se preocupa com a segurança de certos jornalistas em inúmeras províncias onde os ataques dos talibãs e do grupo Estado Islâmico estão se intensificando. Esses movimentos fundamentalistas procuram privar a população de informação independente e impõem um clima de terror que reduz a mídia ao silêncio. Apesar da coragem dos jornalistas que tentam cumprir sua missão, as zonas de conflito (províncias de Helmand, Kunduz, Baghlân, Nangarhâr, Takhâr, Ghanzi e Farâh) estão se tornando buracos negros da informação. Em novembro passado, **Nematullah Zahir**, jornalista a serviço da rede *Aryana TV*, foi cobrir os confrontos entre as forças armadas afegãs e os talibãs em Sorgur, na província de Helmand, e morreu quando o veículo em que estava passou em cima de uma mina.



PROTEGER MELHOR OS JORNALISTAS

Por um protetor dos jornalistas

Veículos de comunicação, jornalistas, ONGs e personalidades públicas de todos os continentes lançaram, dia 29 de abril, um apelo solene para a criação de um “protetor dos jornalistas”, de acordo com a proposta da RSF a favor de um representante especial do secretário geral das Nações Unidas para a segurança dos jornalistas.

A coalizão recomenda às Nações Unidas e aos Estados Membros atribuir ao titular desse posto o peso político, a capacidade de agir rapidamente e a legitimidade para coordenar os esforços das Nações Unidas pela segurança dos jornalistas. O objetivo é instaurar um mecanismo concreto de aplicação do direito internacional, que permita finalmente reduzir o número de abusos contra jornalistas ao redor do mundo. Até o momento, a adoção de inúmeras resoluções da ONU sobre a proteção dos jornalistas e a luta contra a impunidade não permitiu que se obtivesse resultados concretos.

Por meio deles, foi o direito à informação de milhões de cidadãos que foi sacrificado. Os principais problemas do mundo, questões ambientais, luta contra o extremismo violento, não podem ser tratados sem o trabalho essencial dos jornalistas. É urgente que possam realizar seu trabalho em um ambiente seguro e que seja dado um fim à impunidade de autores de abusos contra jornalistas.

Manual de segurança para jornalistas

Diante da escalada dos riscos enfrentados por jornalistas, a RSF publicou ainda em 2015, em parceria com a Unesco, uma nova edição do guia prático de segurança dos jornalistas, hoje disponível em diversos idiomas (francês, inglês, espanhol e árabe, persa...).

Destinado a jornalistas que partem em missão em zonas consideradas “de risco”, o guia apresenta conselhos práticos para evitar os perigos em campo. Conflitos armados, epidemias, catástrofes naturais, manifestações ... São inúmeras as situações de risco e os repórteres devem poder se preparar melhor. O guia não esquece que na era da Internet e dos smartphones a segurança cibernética tornou-se um desafio importante na proteção dos jornalistas em zonas de conflito ou trabalhando no interior de regimes repressivos. Numerosos conselhos são assim oferecidos para permitir que protejam suas fontes, seus dados e suas comunicações.

Enriquecido com depoimentos de grandes repórteres, o guia insiste ainda na importância de uma boa preparação antes da partida, tanto física quanto psicologicamente, e na necessidade de um debriefing e de assistência psicológica caso eventuais sintomas de estresse pós-traumático venham a ser detectados no retorno da missão.

Além das precauções sanitárias e administrativas, o Guia Prático de Segurança para Jornalistas lembra aos veículos de mídia que enviam jornalistas a campo da importância da formação e do diálogo, para que possam partir preparados e confiantes.

